

**II Congresso Brasileiro Científico de
Comunicação Organizacional e de Relações Públicas**

Comunicação Pública, Eventos e Hegemonia Organizacional

Lúcia Lamounier Sena¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo: Este texto tem como objetivo central discutir a comunicação pública como um dos pilares da hegemonia identitária governamental, tendo como enfoque o evento de comemoração do centenário de Belo Horizonte ocorrido no ano de 1997. A discussão sobre este evento, suas intenções, formatos e sentidos disputados neste momento permanecem como indicativos da força simbólica dos eventos e sobretudo dos seus emissores, ou seja daqueles que convidam para uma celebração. Ainda que 10 anos já tenham se passado, esta comemoração permanece como um momento não discutido e que, no entanto, mostra-se como uma riquíssima experiência de comunicação pública no Brasil, tendo em vista os governos cuja matriz política se afirmou como “governos populares”.

Palavras-chave: Identidade; Hegemonia; Poder Público; Comemoração

Comunicação e Hegemonia Organizacional

A comunicação nas organizações é uma forma tanto de ordenação dos processos relacionada ao saber fazer como, também, uma forma de “fazer saber”², ou seja, de engajar e tornar parceiros os membros de uma organização, validando sentidos, valores, difundindo objetivos e as diretrizes adequadas para se atingi-los.

Esta perspectiva situa a comunicação no âmbito das organizações no sistema estratégico de formação e visibilidade da identidade, seja nas organizações de caráter público ou privado. Como nos afirma Castoriadis (1987) as identidades instituem-se socialmente instituindo conteúdos simbólicos próprios. São elementos de auto-reconhecimento, de marcação da semelhança e incorporação da diferença que expressam uma perspectiva própria.

¹ Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Docente da Pontifícia Universidade Católica e Gerente de Projetos qualitativos em Pesquisa Organizacional na empresa Expertise Inteligência e Mercado.

² Perspectiva adotada por CANÇADO, Tânia in: **As pessoas nas organizações**. São Paulo, Editora Gente, 2002.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

A comunicação, no âmbito das organizações, ao “fazer saber” uma estratégia, contribuir para a partilha dos sentidos, atua como um pilar de construção da hegemonia identitária. Esta pode ser verificada na efetivação das práticas internas e suas respectivas representações, nas regras percebidas e incorporadas como explícitas ou implícitas, nos debates e controvérsias advindos destas práticas e a relação destes elementos com os valores macro que a organização toma como salutares para a sua existência e visibilidade.

As comemorações, sobretudo aqueles que na atualidade têm buscado realizar-se numa perspectiva de visibilidade mais ampla, inserção nos espaços públicos “extra-muros” organizacionais, colocam-se como práticas rituais de integração, são sistemas de reforço e circulação de sentidos hegemônicos organizacionais. Esta perspectiva nos parece se aplicar também para as comemorações que envolvem o campo da comunicação pública.

No dia 12 de dezembro de 1997 Belo Horizonte completou cem anos. Onze anos já se passaram e a experiência da comemoração da cidade ainda mostra-se como uma oportunidade de refletirmos sobre esse aniversário enquanto um fenômeno de comunicação pública cuja estratégia, que envolveu em várias instâncias o poder público e a cidade, implicou uma afirmação de identidade daquele que convidava para a festa: o poder público. . No âmbito deste trabalho, nosso intuito é de argumentar como a comunicação organizacional pode constituir-se como um dos pilares de negociação e validação de sentidos, passando a ser percebida não como uma estratégia de caráter meramente operacional, mas, sobretudo, política.

O texto apresentado foi fruto de minha dissertação de mestrado inserida em um grupo de pesquisa do departamento de comunicação da UFMG que, com recortes variados também discutiu as comemorações do centenário de Belo Horizonte. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental em documentos de acesso público disponibilizados pela prefeitura de Belo Horizonte e entrevistas com representantes do poder público municipal.

1.1. Eventos e Identidade

A comemoração de um aniversário, no seu aspecto comunicacional, mostra-se como um ritual que, ao fazer a marcação simbólica do tempo, reafirma a

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

força de uma identidade social pela pluralidade de vozes que afirmam e realizam-no de formas específicas. A comemoração de uma data é uma prática simbólica que promove um recorte temporal numa determinada existência, interrompendo o fluxo normal da vida cotidiana e marcando dois tempos: um passado e um futuro que na data se anunciam.

É um movimento que marca uma ruptura, a emergência de um tempo em detrimento do outro que, no entanto, guarda uma permanência e resgata as origens, uma forma de ser anterior, dando visibilidade às novas formas que serão inauguradas. Nesse sentido, um ritual de comemoração de um aniversário não apenas celebra, mas reafirma a cada celebração uma determinada organização social de sentido que busca representar-se.

O tempo é uma dessas instituições: o tempo que cada sociedade faz ser e que a faz ser é seu modo próprio de temporalidade histórica que ela desdobra existindo e pela qual ela se desdobra como sociedade histórica (CASTORIADIS, 1987, 246) .

As cidades constituem um importante aspecto dessa discussão. Na experiência social. De uma cidade, identidade e tempo mostram-se como conceitos interligados, um vez que o lugar configura-se por uma rede específica de sentidos construtora de sua temporalidade, ou seja, da sua forma singular de ser, materializar e comunicar a experiência humana.

Por outro lado, a cidade também marca a particular forma de ser nos canais comunicativos que desenvolve com a representação política eleita para administrá-la – o *poder público*. Este é tomado como um ator comunicativo, um “emissor autorizado”³, cuja autoridade de emissão é instituição sócio-simbólica de um lugar privilegiado de fala e ação. Nesta perspectiva, a expressão e amplitude democrática desse emissor autorizado revela-se na sua capacidade de articulação da diversidade de vozes.

Os canais de interação e intervenção propostos para a gestão da cidade, efetivamente realizados enquanto diálogo múltiplo, direcionadores de ações públicas, nos revelam a maneira pela qual as cidades contemporâneas constroem formas comunicativas próprias de interagirem com a sua representação política. O poder público é um importante agente que pode chamar ou silenciar o diálogo com a cidade a partir da forma que materializa as

³ O conceito de “emissor autorizado” aparece na discussão de Michel de Certeau sobre a enunciação (1994).

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

falas sobre os usos e as identidades com as quais disputa e/ou representa.

1.2. O lugar do “emissor autorizado”

A comemoração do primeiro século da capital mineira, ocorrido em 1997, foi contemporâneo de um processo muito mais amplo que atualmente se realiza nas cidades em nível global. Este processo se traduz em um diálogo coletivo que se expressa na constituição de espaços de interação entre o poder público e as redes sociais, configurando-se como um *poder local*.

A amplitude da representação simbólica desse poder se dá pela capacidade de instituição e ampliação de espaços comunicativos legítimos para interação dessas redes que por sua vez, demarcam uma maneira mais partilhada de agir sobre a cidade.

Por sua vez, a configuração da legitimidade desses espaços comunicativos depende, em cada caso específico, da representatividade dos atores que mais se destacam na cena pública, e da sua capacidade de comunicar e de dar visibilidade a uma proposta acerca do que estes atores querem, enquanto lugar de convivência, qualidade urbana, inclusão, exclusão e tudo o mais que lhes seja pertinente.

Belo Horizonte, nas proximidades da comemoração do seu centenário, viveu um rico momento de discussão de seus rumos e identidades, suas grandezas e misérias, a cidade como possibilidade ou negação. O poder público surgiu como um dos primeiros atores a colocar em cena este tema tendo como mote o aniversário, utilizando esta comemoração como palco desse debate, assumindo um caráter de anunciador do recorte temporal. O processo de comemoração iniciou-se em 1993, na gestão municipal de Patrus Ananias, do Partido dos Trabalhadores - PT e culminou na data do aniversário, 12 de dezembro de 1997, já na gestão de Célio de Castro, do Partido Socialista Brasileiro - PSB.

Uma das marcas desse período foi o batismo da cidade inicialmente como a “Capital do Século” e depois como “Cidade Centenária”. Esses slogans, criados pelo poder público nas duas gestões, enunciavam o aniversário e ao mesmo tempo buscaram constituir-se como marcas administrativas, ilustradas em

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

campanhas e realizadas enquanto práticas comunicativas estabelecidas na cidade de várias formas.

Buscaremos a seguir apresentar as estratégias através dos quais se procurou estabelecer em torno do centenário um conjunto de ações e falas sobre a cidade e em que medida essas mostraram uma dinâmica comunicativa pretendeu não somente dar visibilidade a um evento, mas aos traços identitários do “emissor autorizado da festa”.

1.3. Um aniversário – interlocuções distintas

1.3.1 - A gestão Patrus Ananias

A gestão de Patrus Ananias teve início em 1993 com o desafio de ser a primeira administração formada na cidade por uma coligação de esquerda - a *Frente BHPopular*. O sentido identitário imprimido à comemoração nessa gestão e sintetizado no slogan a “*Capital do Século*”, foi um esforço de vinculação do aniversário ao estabelecimento de espaços legítimos de discussão sobre os parâmetros de qualidade urbana, do tratamento destinado às minorias, aos grupos excluídos ou marginalizados, acerca de que projetos e valores priorizar, enfim, comunicar a cidade que se queria fazer emergir a partir deste evento centenário.

“A ‘Capital do Século’ era um símbolo, mas também a intenção de criar um tipo de consciência na cidade, sobre a cidade, não só das transformações que a cidade devia promover no sentido de reverter prioridades, flagrantes visíveis, mas também estabelecer uma relação mais próxima com o que se considera a subjetividade da cidade, até que ponto se tem uma relação que permite celebrar alguma coisa.”⁴

A idéia do centenário foi lançada em várias instâncias, tais como grupos formadores de opinião, artistas, empresários, escolas, universidades e redes comunitárias locais. Em uma dessas instâncias - a midiática – houve um intenso uso de peças publicitárias, em que as “marcas” do aniversário emergiram buscando funcionar como liga, a cola simbólica dos diferentes pedaços que deveriam se juntar neste momento.

Exemplificadores dessa afirmação foi a campanha veiculada em 1995, cujo

⁴ Entrevista com Assessor de Governo Ênio Dutra (DARGO/PBH –1993/1996)

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

“slogan” era “*Repartindo o bolo com arte, você faz a sua parte e a gente faz o cidadão*”. Essa campanha fazia alusão à comemoração enquanto festa, ao bolo e ao mesmo tempo a um programa de governo, o processo do Orçamento Participativo. O bolo repartido queria se traduzir na “arte” administrativa que queria fazer a festa (a cidade centenária) junto com o cidadão. A repartição da verba pública voltada para as obras prioritárias passou a ser decidida pela população em fóruns deliberativos específicos. A comemoração e a prática administrativa se oferecida como a ocasião, o tempo, de se fazer o cidadão.

Os cem anos são colocados, então, como uma temporalidade, uma forma de ser da cidade e do seu governo local. Os dois representam-se como rituais identitários, um buscando expressar-se no outro e pela mesma forma, realizar-se com e pelo outro. O novos conteúdos, que se anunciavam para essa marcação temporal se constituíram e supunham como o meio, qual seja, a participação popular.

Identificamos nesse período três conteúdos que o poder público colocou em disputa na cena da cidade e que foram estrategicamente vinculados à marca “Capital do Século”: a *cidade popular*, a *cidade solidária* e a *cidade cosmopolita*. De certa maneira, esses conteúdos remetem cada um deles aos outros e, juntos, buscaram constituir uma identidade para os cem anos de Belo Horizonte.

A *cidade popular* pretendeu significar a reversão de prioridades. Esse conceito comunica-nos um desejo do poder público de rediscutir, com a cidade, prioridades de investimentos, o que implicou a proposição de novos espaços comunicativos para tal. Os fóruns do Orçamento Participativo instituíram-se enquanto um desses espaços ocupados, principalmente pelos habitantes da periferia e pelos movimentos populares. Estes fóruns foram conceituados pelo poder público como lugares de extensão da palavra para a “não cidade”, isto é, para aqueles que, segundo essa gestão, estiveram fora dos benefícios da expansão urbana e, portanto, também, de espaços legítimos de fala e de expressão de suas carências nesses cem anos.

Por outro lado, a cidade popular remete à cidade solidária, que buscou significar tanto as políticas sociais realizadas nessa gestão, quanto certos valores que se quis relacionar enquanto válidos para a (re)apropriação urbana.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

O centenário vinculou-se a sentidos tais como cidade fraterna, ecologicamente saudável, reforma urbana, segurança alimentar, dentre outros, dados como valores urbanos éticos.

Finalmente, a cidade cosmopolita se traduzia como a identidade global de um lugar que se queria projetar enquanto “Capital do Século”. A cidade foi dada como destinada a ser cosmopolita pelos seus valores urbanos, culturais e artísticos. É partir deles que se pretenda realizar um diálogo com o mundo.

Dessa forma, identificamos o centenário como promoção de valores internos, busca de reconhecimento, promoção e visibilidade da sua arte, da sua cultura, do padrão urbano que procurou alcançar e da sua forma de gestão política, ou seja, oferecendo a partilha da palavra. A partir desses elementos propôs-se um diálogo da cidade consigo mesma e com o mundo.

1.2.2 -O aniversário: gestão Célio de Castro

Em ano de 1997, ano em que Belo Horizonte fez 100 anos a gestão de Patrus Ananias foi substituída pela de Célio de Castro. O anúncio da festa constituiu-se em uma exposição pública inicial do governo de Célio de Castro, identificando-se uma certo perfil de sua administração à forma e concepção assumida pelo aniversário. Através da comemoração a representação desse poder na cidade comunicou a sua primeira aparição⁵.

Para dar início ao processo de comemoração o governo Célio de Castro nomeia uma Comissão Executiva composta por representantes de diversas Secretarias como Esportes, Turismo, Assessoria de Comunicação, Secretaria de Governo sob a presidência do Secretário de Cultura da época Luís Dulci. Seu papel era propor e implantar um projeto para o aniversário⁶.

Em março de 1997, a Comissão convocou a cidade para um diálogo a respeito da comemoração denominado de Plenária do Centenário. Realizada no teatro Francisco Nunes, sua convocação foi feita principalmente pelas

⁵ Aparição no sentido utilizado por Hannah Arendt de tornar público, comunicar a sua existência para a pluralidade do olhar e do entendimento social.

⁶ A Comissão se encarregou de receber projetos da cidade e distribuí-los por áreas pertinentes às Secretarias de Governo.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

Administrações Regionais⁷, nos moldes das convocações para as assembléias do Orçamento Participativo, ou seja, carro de som, faixas, cartas para associações de bairro e lideranças comunitárias e dos movimentos populares.

O objetivo desta plenária era de que se constituísse como uma palavra primeira sobre o aniversário e a forma da sua realização. Este evento, que seria a primeira de outras que se seguiriam em cada uma das nove regiões administrativas da cidade, buscou configurar uma “partilha discursiva” sobre o que considerar relevante para a comemoração do centenário.

A plenária pareceu indicar a pretensão de instituir um certo espaço público que não visaria simplesmente o apanhado de argumentos para coordenação de uma ação para o centenário, mas de ordenação. As intenções declaradas e a própria realização de uma plenária popular indicam o reconhecimento pelo poder público, nesse momento, da importância de formação desses espaços comunicativos, onde a troca de argumentos, pontos de vista e a expressão das vontades de indivíduos ou grupos presentes, constituir-se-iam como palavra legítima sobre a maneira de se realizar a festa.

As falas na plenária são muito diversas dando-nos idéia do quanto a percepção e a vivência da cidade é fragmentada. Remete-nos ora ao destaca de problemas localizados ou estruturais, ora a formações culturais, históricas e de usos urbanos amplos que desejam ganhar visibilidade e, portanto, revelam expectativas diversificadas quanto à comemoração do centenário.

Em abril de 1997 a prefeitura lança um calendário preliminar de eventos comemorativos. No texto de apresentação desse calendário, que é assinado pelo prefeito Célio de Castro, o aniversário da cidade foi anunciado como um momento específico na vida de Belo Horizonte, o que por sua vez determina alguns papéis a serem assumidos: o do poder público como o de “liderança, promoção e coordenação” e o da população como o “sujeito da festa”.

Quanto à forma instituída – o calendário de eventos – foi uma declaração do desejo do poder público, justificada pelo prefeito e integrantes da Comissão do Centenário, de que fosse a expressão do ponto de vista do governo da melhor maneira de realização do aniversário. Sendo assim, a decisão por uma pluralidade de eventos foi dada como política, na medida em que eles revelam

⁷ Belo Horizonte possui nove regiões administrativas: Venda Nova, Norte, Nordeste, Noroeste, Leste, Oeste, Centro Sul, Barreiro e Pampulha.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

uma opção não por um grande e único espetáculo, sobretudo midiático, mas por uma festa: *“nós não queríamos um centenário espetáculo, nós queríamos um centenário festa, é diferente. Espetáculo se assiste, a festa participa-se”*⁸.

Cabe neste momento uma palavra nossa sobre a forma calendário. Um calendário constitui-se como um referencial de marcação do tempo segundo regras próprias de cada sociedade. Enquanto instrumento simbólico de determinação do tempo comunica pelos seus recortes uma miríade de valores. A recorrência desses recortes institui em si os rituais comemorativos, pois para a representação do valor simbólico dessas marcações é preciso não só repetição calendar, como também a repetição do ritual coletivo que celebra e lhes dá sentido. No entanto essa não foi a tônica do calendário de comemoração do centenário de Belo Horizonte que foi composto por uma diversidade de eventos distribuídos ao longo do ano de 1997 e estendidos até julho de 1998. A maior parte desse eventos, que por diversas razões estavam previstas para 1997, foram simplesmente incorporados ao calendário comemorativo, ganhando assim a marca do centenário.

Realizamos uma tipologia desse calendário a fim de percebermos sua expressão mais forte. Essa tipologia baseou-se na intencionalidade do poder público, explicitada no já referido texto de apresentação, dos aspectos que deveriam marcar a natureza do centenário. São eles: a participação popular, a internacionalização e as políticas sociais.

Para dar um caráter de participação popular à comemoração, o calendário indicou primeiramente um instrumento: as plenárias populares . Essas, *“que deverão ser realizadas durante o período oficial de comemorações”*, constituem-se numa proposta de criação de *“um canal para o diálogo direto com a população a fim de que sejam definidas as diretrizes e as atividades a serem realizadas no aniversário”*.

As plenárias deveriam viabilizar uma descentralização das atividades pelas 9 regiões administrativas de Belo Horizonte, dando um formato ao mesmo tempo particular (pela diversidade sócio-cultural que essas regiões apresentam) e integrador ao aniversário, pois, através delas todas as regiões da cidade estariam empenhadas ativamente nessa forma de realização da festa.

⁸ Entrevista com Célio de Castro – Fevereiro 1998.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

Confirma isso um fragmento do texto de apresentação do calendário de eventos:

Impõe-se, portanto, que as atividades do Centenário se realizem com a mais ampla participação popular, tanto dos movimentos organizados quanto de cada cidadão belo-horizontino, por mais humilde que este seja. Da mesma forma, é imprescindível a descentralização dos eventos, de modo a integrar ativamente a população de todas as nove regiões da cidade.⁹

O evento final de comemoração do centenário, “*A caminhada do Século*”, no dia do aniversário da cidade, 12 de dezembro de 1997 contou com cerca de 150 mil pessoas segundo dados da polícia militar e 300 mil de acordo com as estimativas da prefeitura. Este momento foi considerado pelas Administrações Regionais como o mais marcante do centenário e um sucesso de participação na medida em que permitiu, através da fala de seus grupos culturais, a expressão típica das localidades regionais e congregou um enorme número de pessoas.

Essa idéia de participação popular indicada pela presença maciça da população em eventos nos remete ao segundo eixo da natureza do centenário: o aniversário enquanto um momento estratégico para a internacionalização de Belo Horizonte. Não que a internacionalização seja entendida sob esse aspecto, no entanto, a grande presença de pessoas em eventos constitui-lhe um complemento na medida em que dá visibilidade, torna-se fato, projeta a cidade.

Na composição de eventos do calendário e explicitado nas palavras do ex-prefeito Célio de Castro existia uma expectativa de projeção da cidade a partir do centenário. A comemoração deveria significar, também, dividendos econômicos e sociais para Belo Horizonte.

A forma eventos-comemorativos justifica-se como uma estratégia de se projetar a imagem de Belo Horizonte como capital de eventos. O centenário nesse sentido seria uma “oportunidade” para a projeção da capital, sobretudo através daquelas atividades que por características próprias, já estavam sendo incorporados como de caráter internacionalizantes tais como o Festival Internacional de Teatro, Bienal Internacional de Quadrinhos e as Conferências do Centenário.

⁹ Ex- prefeito Célio de Castro – Texto de apresentação do calendário de eventos.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

a proposta de internacionalização de Belo Horizonte baseia-se na vocação atual da cidade para o turismo de eventos por reunir um conjunto de fatores como localização, segurança, marketing de comércio, prestação sofisticada de serviços, dentre outros. Essa vocação seria potencializada pela forma de comemoração do centenário, ou seja, um estendido calendário de eventos.¹⁰

Como última diretriz apontamos da tipologia do calendário destacamos este momento como uma intenção de se festejar as realizações até então construídas pela comunidade belo-horizontina . O aniversário deveria ser um momento para o resgate de memória, mas, sobretudo, a reafirmação de um projeto social.

Em relação a esse conteúdo o calendário indica algumas atividades a serem realizadas que ilustravam políticas alemjadas para implementação ao longo do ano. Essa composição de eventos leva-nos a visualizar uma expressão de cidade que no seu centenário priorizou projetos politicamente corretos, na área social, ambiental e na memória. No entanto, as atividades ligadas às políticas ambientais não foram realizadas tendo se destacado mais as atividades ligadas à Secretaria de Desenvolvimento Social. Quanto aos projetos ligados ao resgate da memória foram priorizadas as ações de recuperação de monumentos históricos tais como a restauração do Museu Abílio Barreto, do Centro Cultural da rua da Bahia e do viaduto Santa Tereza.

O centenário enquanto memória apareceu também em discurso pronunciado no dia 12/12/97, em um centro de eventos - a Serraria Souza Pinto - em um evento que fez parte das comemorações do dia do aniversário da cidade. Em discurso, o prefeito retoma o sentido de uma cidade planejada, plantada em um arraial, um lugar que estava sendo projetado para representar o futuro, a modernidade. Nesse discurso, o futuro que o recorte centenário anuncia fala das mãos executoras, as palavras silenciadas, que não foram convocados na fundação para partilhar a vocação cosmopolita de Belo Horizonte. Estas vozes são lembradas e chamadas para fazer a travessia rumo a um futuro, a um novo tempo em que a comunicação pública quer se contruir com outras vozes para além da oficial:

¹⁰ Segundo dados da Belotur Belo Horizonte passou para o 3º lugar no ranking da Embratur de capitais de eventos. Antes do centenário ocupava o 15º lugar.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

“E não seria sábio caminharmos em direção ao novo milênio, levados por um determinismo enrijecido, praticante do monólogo, das verdades feitas, que exclui as vozes muitas vezes dissonantes mas legítimas das pessoas, pessoas com seus desejos e vontades, inseridas em um espaço social”.

O último evento do ano de 1997- o enterro do “Baú Centenário” foi realizado no Parque Municipal no dia 13 de dezembro de 1997 repetiu o gesto dos fundadores que enterraram um “baú fundador no ano de inauguração da cidade. Nesse momento, a gestão centenária enterrou jornais do dia, algumas redações de alunos da Rede Municipal de Ensino em que estas dialogam com as crianças do bi-centenário e os discursos proferidos no local por representantes do parlamento municipal, estadual e federal. Assim, o poder público elegeu a interlocução autorizada, mas não dissonante, com a cidade que permanece. Elegeu, enterrou e lançou para o futuro a sua palavra:

“Foi exatamente nesse sentido que a idéia de se fazer hoje o depósito de documentos dessa natureza t(...) algo que parece até presunçoso, que parece até além da capacidade humana: preservar na luta contra o tempo, algo de perene. E a forma que o ser humano desenvolveu no correr da sua história, de preservar algo contra a corrosão do tempo, chama-se exatamente memória”¹¹.

Considerações Finais

Como palavras finais destacamos que nossa intenção foi ilustrar uma perspectiva de comunicação pública estratégica. E como tal, seja quais foram as formas em que as práticas se objetivam a partilha da palavra mostra-se como construção identitária hegemônica inclusiva.

“Os enunciados” que se pretenderam constituir-se como valores identitários buscaram se colocar como tal em inovadores canais comunicativos legitimamente instituídos para contribuir para essa construção.

Esta experiência em alguma medida pode nos remeter à comunicação no âmbito das organizações. Seus eventos para demarcarem temporalidades, revelarem os sentidos que se pretende dar a ver, só o realizam se as práticas comunicativas que lhe dão suporte contribuem para o fazer saber, comunicando este fazer como uma forma de ser organizacional.

Certamente, isto não se dará somente pela palavra ou vontade daqueles

¹¹ Discurso do ex-prefeito Célio de Castro – no evento do *Enterro do Baú do Centenário* – 13/12/1997.

II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas

que comunicam a festa, mas nos sentidos revelados nas suas práticas que devem buscar engajar os interlocutores interessados em festejar e ao mesmo tempo construir a festa.

**II Congresso Brasileiro Científico de
Comunicação Organizacional e de Relações Públicas**

Referência Bibliografia

HARENDT, Hanah. **A condição Humana**. 1a. ed. São Paulo, Forense Universitária, 2005.

CANÇADO, Tânia in: Vários Autores. **As Pessoas nas Organizações**. São Paulo, Editora Gente, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Porto Alegre, LPM, 1987.

CERTEAU, Michel de . **A invenção do Cotidiano**. 1a. ed. Petrópolis: Vozes, 1994

MAY, Tim. Pesquisa Documental: escavações e evidências. IN: MAY, Tim. Pesquisa Social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

**II Congresso Brasileiro Científico de
Comunicação Organizacional e de Relações Públicas**